MANIFESTAÇÕES DA SEXUALIDADE NO COMPORTAMENTO DOS ADOLESCENTES E A INFLUÊNCIA DA MÍDIA

GOMES, Ana Paula M. J.[1]

RESUMO

A mídia, nos últimos anos, está veiculando programas com conteúdos apelativos que acabam por banalizar a sexualidade entre os adolescentes. Atualmente ouve-se muito falar em diminuição da idade de iniciação sexual dos jovens em vários países, inclusive no Brasil, com um aumento nos índices de gravidez não planejada, DSTs e prostituição infanto-juvenil. O principal objetivo do presente trabalho foi formar, informar e conscientizar os adolescentes sobre as conseqüências da iniciação sexual precoce e para o exercício da sexualidade de forma sadia e natural. Para tanto, os alunos das duas séries finais do Ensino Fundamental de uma Escola Pública na cidade de Sengés – PR responderam questionários, assistiram palestras e participaram de atividades e dinâmicas referentes ao tema sexualidade. Através da participação dos alunos nessas atividades propostas, dos dados obtidos no questionário, da observação e relato dos mesmos, percebeu-se que a mídia exerce grande influência na forma de agir e na sexualidade dos jovens. Isso aponta para a necessidade dos pais se fazerem mais presentes na educação sexual dos filhos, na importância de selecionar os programas mais adequados à faixa etária e na necessidade da escola inovar seus métodos, deixando a abordagem pautada nos padrões tradicionais e partindo para uma perspectiva mais crítica do ensino a respeito do tema sexualidade.

Palavras-chave: Sexualidade, Iniciação sexual precoce, mídia.

ABSTRACT

The media in recent years, is running programs with content that end up appealing to trivialize sexuality among adolescents. Nowadays you hear much talk of lowering the age of sexual initiation of young people in several countries, including Brazil, with an increase in rates of unplanned pregnancy, STDs and children and juvenile prostitution. The main objective of this work was to form, to inform and to aware young people about the consequences of early sexual initiation and to the exercise of sexuality in a healthy and natural. To that end, students in both grades of elementary school end of a Public School in the city of Sengés-PR answered questionnaires, attended lectures and participated in activities and dynamics

related to the theme sexuality. Through the participation of students in these proposed activities, the data obtained in the questionnaire, observation and reporting of them showed that the media exerts great influence on the way to act and the sexuality of young people. That points to the need of parents are doing more in the sex education of children, the importance of selecting the programs best suited to age and the need of school innovate their methods, leaving the approach based on traditional patterns and on to a more criticism of teaching on the subject sexuality.

Keywords: Sexuality, early sexual initiation, media.

1. INTRODUÇÃO

A sexualidade é uma construção histórica e cultural e por isso é preciso entendê-la como algo muito mais complexo do que a reprodução humana ou o ato sexual, pois ela envolve sentimentos, desejos, relacionamento entre pessoas.

Durante a trajetória como Professora de Ciências, pôde-se constatar que a maioria dos livros didáticos e documentos oficiais, tratam a temática da sexualidade do ponto de vista anatômico e fisiológico, em detrimento de uma discussão mais aprofundada sob os aspectos comportamentais entre os jovens de ensino fundamental. Um dos pressupostos do presente trabalho é que isso acaba comprometendo a qualidade de uma compreensão saudável da sexualidade em si.

Camargo e Ribeiro (1999, p.50) definem a sexualidade como " uma energia forte e mobilizadora, uma dimensão da expressão do ser humano em sua relação consigo mesmo e com o outro, lugar do desejo, do prazer e da responsabilidade".

O presente trabalho teve como objetivo principal, traçar um perfil dos alunos de 7ª e 8ª série de um colégio estadual na cidade de Sengés, estado do Paraná. Foram recolhidas informações de 161 alunos entre 12 e 16 anos, relativas aos seus hábitos, conceitos e percepções sobre sexualidade. Procurou-se investigar também, qual o nível de informação que os alunos possuem a respeito de diversos aspectos relacionados à temática.

Foram utilizadas diversas metodologias para se trabalhar o tema com os

alunos, de maneira que pudessem externalizar, compartilhar e discutir seus conhecimentos acerca da sua própria compreensão de sexualidade. Foram realizadas também, apresentações e discussões sobre os resultados da pesquisa para a equipe pedagógica da escola em questão e para os pais dos alunos investigados.

Para tornar mais claro o caminho percorrido, o presente artigo estrutura-se da seguinte maneira: primeiramente, há as considerações dos principais autores estudados sobre o tema pesquisado. Também, a contribuição das Diretrizes Curriculares para o Ensino de Ciências do Estado do Paraná 2008, figura entre um dos principais pressupostos estudados. A pesquisa bibliográfica refletida no referencial teórico foi de fundamental importância para sustentar os argumentos que embasam este trabalho. Em seguida, no desenvolvimento do artigo, há uma breve descrição da metodologia utilizada, com a contextualização da escola e do universo de estudo em questão. Seguem-se o compartilhamento dos resultados, revelados pela tabulação dos dados coletados. Os dados serão apresentados sob o ponto de vista da contribuição do Ensino de Ciências para a discussão da temática sexualidade na escola, bem como para o desenvolvimento de uma compreensão saudável da sexualidade por parte dos alunos envolvidos. Finalmente, a conclusão traz uma reflexão sobre os dados obtidos e sua relação com o ensino de Ciências. Apresenta também, algumas recomendações e questionamentos para futuras pesquisas.

2. DESENVOLVIMENTO

Nas Diretrizes Curriculares Estaduais (DCEs) de Ciências do Estado do Paraná (2008, p.21) diz que “o aprendizado dos estudantes começa muito antes do contato com a escola”, desta forma o aluno traz uma bagagem de conhecimentos adquiridos na convivência familiar, religiosa e social que devem ser valorizados, mas a maioria dos conhecimentos não é científico e alguns são um pouco distorcidos, com uma linguagem simplificada e banalizadora, então cabe a escola sistematizar esses conhecimentos visando o desenvolvimento do indivíduo como um todo, visto que a Educação proposta nas diretrizes prevê a

formação de um estudante crítico e capaz de agir com autonomia nas suas relações sociais.

O ensino de Ciências, segundo as DCEs, deve estar pautado nos 5 conteúdos estruturantes (Astronomia, Sistemas Biológicos, Matéria, Energia e Biodiversidade), conteúdos estes que são básicos e que visam a não fragmentação dos conteúdos escolares, devendo ser trabalhados em todas as séries do Ensino Fundamental, de acordo com a elevação de cada nível ou série. Assim, o tema sexualidade faz parte do conteúdo estruturante Sistemas Biológicos tornando-se de extrema relevância ao ensino de Ciências.

Embora a sexualidade esteja presente desde o nascimento, ela obedece a um ritmo próprio e natural de desenvolvimento. A realidade vivida pelo indivíduo e a exposição exagerada a estímulos sexuais podem levar as crianças e os adolescentes a “atropelarem” esse ritmo natural, acelerando o processo e gerando lacunas no desenvolvimento. É sobre essa problemática que se estrutura o presente trabalho.

Ainda hoje, percebe-se que a educação sexual é diferenciada para meninos e meninas, onde na maioria das vezes, os meninos têm mais privilégios e vantagens. A sociedade espera da menina/mulher delicadeza, compreensão, afetividade, doçura, fragilidade, poder de aceitação e dos meninos/homens, competitividade, seriedade, agressividade, virilidade poder de decisão. É através da socialização que a criança vai aprendendo sua cultura e tudo o que diz respeito à masculinidade e feminilidade, ou seja, ao gênero, contribuindo para se tornar um adolescente/adulto satisfeito ou insatisfeito com sua sexualidade.

De acordo com SARTORI (2008, p.32)

> E importante analisar a articulação entre o biológico e o social, ou seja, não negar as diferenças entre mulheres e homens, mas há que se reconhecer que o gênero marca a diferença fundamental entre os sexos e que a biologia não pode ser considerada a origem e a razão das diferenças entre os sexos (principalmente a subordinação)

É necessário que ocorra uma mudança na forma como os pais e a sociedade em geral, educam as crianças e os jovens para que o preconceito e a discriminação e a desigualdade entre os sexos sejam minimizadas.

A definição de sexualidade de acordo com a OMS (Organização Mundial da Saúde) é: “A forma de expressão ou o conjunto de formas de comportamento do ser humano, vinculado aos processos somáticos, psicológicos e sociais do sexo.” Isso representa e define a forma como nos comportamos, sentimos, relacionamos, pensamos ou agimos, pelo fato de sermos homem ou mulher.

A sexualidade envolve nosso corpo, nossa história, nossos costumes, nossas relações afetivas, nossa cultura e não apenas sexo. Ela envolve todas as formas, jeitos, maneiras como as pessoas expressam a busca do prazer, podendo ser prazer pela dança, por esportes, pelo próprio corpo, pela relação sexual entre outras.

De acordo com SOUZA (2002, p.36), “Sexualidade é o conjunto de fenômenos da vida sexuada de um homem e de uma mulher, desde que nascem até o final de suas existências”.

A sexualidade é reconhecida como um instinto com o qual as pessoas nascem e que se expressa de forma distinta, não se iniciando apenas na fase da adolescência como se pensava antigamente.

Segundo Freud, a sexualidade existe na criança desde o nascimento, onde o prazer lhe é proporcionado pela boca, como pelo simples fato de mamar; pelo controle de necessidades fisiológicas, como defecar; no interesse pelo próprio genital por ser diferente do sexo oposto, onde o objeto de desejo é o pai para a menina e mãe para o menino; só então na adolescência há interesse pelo sexo oposto na busca de prazer, já que seu próprio corpo não lhe proporciona tanto desejo e prazer.

Assim, a sexualidade começa a ser desenvolvida logo após o nascimento da pessoa e continua até o final de sua vida, seguindo os parâmetros culturais e sociais da época e do local onde o indivíduo está inserido, tornando-se componente fundamental da personalidade de cada um.

Quando se fala em sexualidade, percebe-se que os adolescentes estão

cercados por adultos que acreditam que ela se inicia apenas na fase da adolescência e que envolve somente erotismo, sensualidade, relacionamento amoroso e sexual. Isso torna difícil a orientação e informação dos jovens, pois muitos professores e pais têm dificuldades em falar sobre esse tema, sentem-se constrangidos, inseguros e com medo para falar sobre sexualidade e, assim, aguçar nos jovens a curiosidade de um relacionamento sexual, ou seja, a iniciação sexual precoce.

Para SUPLICY (2000)

> [...] cabe à escola, a transmissão dos princípios democráticos e éticos que são o respeito pelo outro, o respeito por si mesmo, o respeito à pluraridade de opiniões. À família cabe transmitir os valores morais que a escola não tem condição de dar, e isso não dá para delegar, a família tem de explicitar o que acha certo e errado, isso não compete à escola, pois a escola não pode ter uma posição sobre o aborto, sobre casar virgem ou não, isso não é um consenso social.

Falar sobre sexualidade se faz de extrema importância no mundo atual, principalmente para a prevenção da gravidez precoce e de DSTs (Doenças Sexualmente Transmissíveis), mas é necessário conhecer a realidade de nossos jovens, a maneira como vivem sua sexualidade, para que se possa abordar esse tema de forma tranqüila, natural e franca e, assim, manter um diálogo aberto e que inspira segurança.

Segundo a OMS (Organização Mundial da Saúde), a adolescência é um período do desenvolvimento humano que se estende, aproximadamente, dos 10 aos 19 anos de idade, sendo caracterizado por uma revolução biológica, psicológica e social. É um período de grande crescimento e transformações, onde tudo é vivido com muita intensidade e curiosidade.

É na adolescência que o indivíduo começa a reconhecer, aceitar e assumir o que é para conquistar seu espaço na sociedade. Então começam a focalizar atenções para as mudanças do corpo, desenvolvendo preocupações não só para

sua forma, mas também quanto o seu potencial de atração sexual e de sedução, chegando a usar como modelos atitudes de personagens de programas de TV e de revistas para ser mais atraente, visto que é uma fase típica de experimentações, onde tudo é novidade.

Atualmente os jovens recebem suas informações sobre sexo de muitos lados: dos pais, irmãos, professores, colegas da mesma idade, do rádio, TV, revistas, conversas ou observando outros. Estas informações, porém, freqüentemente, são incompletas, enganadoras ou até falsas. Além disso, na TV tudo parece ser simples e normal.

Segundo SUPLICY (2000)

> [...] temos a televisão que mostra todo mundo transando o tempo todo, ninguém usa preservativo, ninguém usa anticoncepcional, ninguém engravida, é tudo que o adolescente quer escutar para poder fazer o que quer.
>
> [...] necessitamos de modelos claros de ação. Na televisão só temos modelos claros transar, temos de ter modelos claros de ação como: "eu não quero transar com você sem camisinha" ou "eu não quero transar porque não gosto de você".
>
> Os jovens não têm modelos de atitudes, de comportamentos, e precisam ter um modelo claro do NÃO.

De acordo com o psicólogo Paulo Roberto Ceccarelli, a mídia tem uma responsabilidade ética e moral com tudo àquilo que exibe, não podendo ignorar a sua participação efetiva na construção social dos indivíduos, na formação de mentalidades e no desenvolvimento psicológico da criança e do adolescente.

Segundo GIKOVATE (2002)

> [...] a TV tem incitado é a estimulação de um componente do nosso instinto sexual relacionado com o prazer de nos exibirmos, de chamarmos a atenção e despertarmos a admiração e eventualmente o desejo das outras pessoas. Chamo esse elemento da nossa sexualidade de vaidade e essa

> sim tem sido estimulada de forma precoce pelos programas infantis, por influência dos quais as meninas, talvez mais que os meninos, se empenham precocemente em cultivar um excessivo zelo por sua aparência física e um gosto precoce por chamar a atenção.

Ao observar os alunos tanto na sala de aula como no pátio da escola, percebe-se que tentam “imitar” alguns personagens de programas televisivos, assim como, atitudes destes, para se tornarem mais populares, atraentes, sedutores, atuais e com isso não respeitam seu próprio corpo e sua individualidade, esquecem valores sociais e religiosos, não se valorizam, iniciam relacionamentos amorosos ainda crianças, pulam etapas fundamentais para seu desenvolvimento psicológico e acabam por terem sérios prejuízos na adolescência e que poderão perdurar por toda vida.

Pode-se perceber que as famílias, em geral, vêm se deparando com inúmeras mensagens de apelo sexual nos meios de comunicação e como afirmam LOPES & MAIA (1993, p.31) “... a sexualidade e o corpo, principalmente o feminino, tem sido usado exaustivamente para divulgar e vender desde sabão em pó até toalhas de banho, tornando-se produto consumível”. A exposição exagerada do corpo e a banalização da sexualidade têm dificultado a tarefa de educar, de associar sexo a afeto e amor, a responsabilidade, respeito e saúde.

Diante disso, percebe-se que os pais, assim como os educadores estão com dificuldades de encontrar formas de orientar e informar melhor os jovens para que retardem ao máximo a iniciação sexual e que quando isso ocorrer, que seja com respeito, responsabilidade e segurança.

Esse trabalho teve como desafio principal promover o entendimento da sexualidade como aspecto positivo e natural da vida humana, propiciando o debate e a discussão de normas e padrões de comportamento em relação ao sexo e a influência da mídia na sexualidade das crianças e adolescentes, pois é necessário que o aluno a adquira conhecimento para valorizar e cuidar do corpo e da saúde, como uma condição para usufruir de prazer sexual, assim como desenvolver a consciência crítica e de tomada de decisões responsáveis a respeito de seu corpo e de sua sexualidade, para que possam perceber a

influência negativa exercida muitas vezes, pelos meios de comunicação, na banalização do corpo e não se tornem jovens e/ou adultos frustrados e insatisfeitos com sua sexualidade.

O presente trabalho foi realizado em um colégio da Rede Pública Estadual a cidade de Sengés, estado do Paraná.

A escola conta com 12 salas de aula, sendo duas delas ocupadas pelo laboratório de Informática e pelo laboratório de Ciências, biblioteca, quadra de esportes e pátio cobertos. A escola espera há vários anos por uma reforma, visto que banheiros, bebedouros, cozinha, quadra de esportes, pátio e laboratório de Ciências estão em péssimas condições e a escola também não possui adaptações para receber portadores de necessidades especiais. Possui 687 alunos e funciona em três turnos, sendo que há 07 turmas de Ensino Fundamental (5ª a 8ª série) e 03 de Ensino Médio no período matutino, 06 turmas de Ensino Fundamental (5ª a 8ª série) e 03 de Ensino Médio no período vespertino e 03 de Ensino Médio no período noturno. A escola está situada na região central da cidade e recebe alunos da zona rural e da zona urbana. Possui um quadro de funcionários com: 1 diretor e 1 diretora auxiliar, 2 pedagogas, 5 agentes educacionais II (agentes de execução), 7 agentes educacionais I (agentes de apoio), 24 professores efetivos e 16 contratados (PSS – Processo Seletivo Simplificado), sendo que apenas 1 professor (Educação Física) ainda não concluiu sua licenciatura. Para iniciar o trabalho e determinar por onde começar a orientação/informação, saber o nível de entendimento sobre sexualidade e a maneira como a sexualidade vem sendo exercida pelos jovens, assim como a influência que a mídia exerce sobre os adolescentes, foi proposta uma pesquisa com os alunos, pesquisa essa composta por um questionário com 22 perguntas objetivas e 2 dissertativas, o qual não havia necessidade de nenhum tipo de identificação.

Esse questionário foi aplicado em cinco turmas do Ensino Fundamental, sendo três turmas de 7ª série, duas do período matutino e uma do vespertino e duas turmas de 8ª série, uma do período matutino e uma do vespertino, englobando 161 alunos com idades entre 12 e 16 anos do referido Colégio

Estadual.

Antes de aplicar o questionário, os alunos foram informados sobre os objetivos da pesquisa e consultados se concordavam em participar. A aceitação foi unânime e pôde-se perceber a curiosidade e o interesse pelo tema que seria abordado.

3. CONCLUSÃO

No que se refere à idade, 161 alunos responderam o questionário, sendo um percentual de 19,8% com idade de 12 anos, 41,6% com idade de 13 anos, 18,1% com 14 anos, 11,8% com 15 anos e 8,6% com mais de 15 anos.

Dos 161 alunos pesquisados, 47 (29%) alunos estão em defasagem idade/série, mas destes, 27 (57,4%) possuem defasagem de apenas um ano, 16 (34%) a defasagem é de dois anos e somente 4 (8,5%) alunos tem defasagem de três anos. Assim, percebe-se que a diferença de idade entre eles não é muito grande e a maioria entrou a pouco tempo na fase da adolescência.

Em relação ao sexo, 54% são do sexo masculino e 44,7% são do sexo feminino, perfazendo um total de 159 alunos e 1,3% não responderam.

No item sexo, há 9,3% a mais de jovens do sexo masculino em relação ao feminino, sendo que em todas as turmas o sexo masculino predominava.

Em uma das turmas dois alunos disseram não ser nem masculino e nem feminino e incluíram a alternativa homossexual, mostrando que desconheciam a definição de sexo.

Ao questioná-los se freqüentam alguma religião/igreja apenas 150 alunos responderam, sendo que 82% disseram que freqüentam e 18% disseram que não. Dos alunos que freqüentam, 47,6% dizem ser católicos e 52,3% evangélicos.

Esse questionamento foi feito com o intuito de, posteriormente, reunir diversos chefes religiosos da cidade, mostrar a pesquisa e discutir como ocorre a orientação sexual em suas respectivas igrejas, buscando a melhor maneira de atingir e esclarecer os jovens sobre sexualidade, sem banalizar os objetivos

religiosos, mas indo ao encontro da atual educação de nossos jovens, visto que a maioria dos alunos que tiveram relações sexuais pertence a igrejas evangélicas.

Quanto à constituição familiar (com quem mora), 75,1% disseram que moram com pai e mãe, 15,5% moram com a mãe, 2,4% moram com o pai, 6,2% moram com os avós, 0,6% moram com outras pessoas, perfazendo um total de 161 pesquisados.

A maioria dos jovens pesquisados possui uma constituição familiar estruturada e tradicional. Assim o fato de um a família estruturada de forma diferente parece não ter muita influência na iniciação sexual precoce.

Como a televisão está presente na maioria dos lares, questionou-se sobre quantas horas de TV os jovens pesquisados assistem aproximadamente ao dia. Dos 161 alunos pesquisados, 16,7% assistem até duas horas, 36% assistem de duas a quatro horas, 44% disseram que assistem mais de quatro horas diárias e 3,1% afirmaram não assistir dizendo que sua religião não permite.

Quanto ao horário que costumam dormir, 5,6% disseram que dormem antes das vinte horas, 19,6% disseram que costumam dormir entre vinte e vinte e duas horas, 39,2% costumam dormir entre vinte e duas e vinte e três horas e 35,4% declararam dormir após as vinte e três horas.

Com relação à mídia, 44% dos alunos assistem mais de quatro horas diárias de televisão e essa quantidade de tempo não é recomendada aos jovens, pois a mídia exerce grande influência.

Ao questionar os alunos sobre quais programas mais assistem (diária ou semanalmente), o programa mais citado foi Malhação da Rede Globo, seguido pela novela da Rede Globo (das 20:30 h) e filmes.

Dos alunos pesquisados, cerca de 48,5% dos que estudam no período vespertino ficam em frente à telinha mais de 4 horas ao dia, sendo os que mais tempo assistem televisão, e cerca de 50% dos alunos deste período vão dormir após as vinte e três horas, pois afirmam que podem dormir na parte da manhã. Assim, pode-se concluir que assistem vários programas inadequados à faixa etária que pertencem e acabam por copiar certos comportamentos e atitudes como modelos para si, sem contar que na maioria das vezes isso acontece com o

consentimento dos pais. A afirmação de Ribeiro (2005), ajuda a ilustrar esse fenômeno:

> A mídia, e no caso especificamente a TV, exerce uma influência significativa no cotidiano de todos nós. Em relação às crianças e jovens, então, nem se fala, principalmente por estarem na fase de formação dos valores, conceitos, modelos de conduta e comportamento sexual (...) sabemos que a exposição precoce da criança a cenas de sexo e violência, de forma degradante, pornográfica e sem nenhum critério, pode interferir no seu desenvolvimento emocional. A criança armazena todo tipo de informação que recebe. Por isso, devemos ter qualidade nessa informação ...
>
> [...] tem pais que não estão sabendo zelar pelo que seus filhos estão assistindo. A televisão passou, então, a ser uma eficiente "babá eletrônica".

De acordo com dados do IBOPE (Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística) em geral, as crianças e adolescentes assistem 3,5 horas de TV ao dia, sendo muitas vezes programas recheados de cenas sexuais, violência, conflitos familiares, e isso corrobora para que o jovem construa imagens distorcidas e despreze os valores ensinados pela família.

Com respeito à Internet, 65,2% disseram que tem acesso à Internet e 34,7% disseram que não. Para os alunos que declararam ter acesso a Internet, foi perguntado qual o maior interesse ao acessar a Internet e 48% disseram que seu maior interesse é o Orkut, 22% disseram que é o MSN, 10% são as salas de bate papo para fazerem novas amizades, 8% disseram que é para os jogos, 3% declararam ser para interesses diversos e apenas 9% declararam seu maior interesse para as pesquisas escolares.

Com relação ainda a Internet, questionou-se quanto tempo ficam conectados nesta rede ao dia e 29,5% declararam ficar menos de uma hora, 47,6% disseram ficar entre duas e quatro horas e 22,8% declararam ficar conectados mais de 4 horas diárias.

Para a maioria dos alunos o uso da internet é para diversão, pois a usam

para trocar recados na página do Orkut, para comunicar-se no MSN Messenger e salas de bate papo e jogos, sendo pouca usada para pesquisas de conteúdos escolares e conhecimentos em geral.

Os alunos que mais tem acesso a internet e que ficam mais tempo conectados são pertencentes ao período matutino, onde percebeu-se também que eles provém de famílias com melhor poder econômico.

No final de 2007 foi implantado na escola o laboratório de informática. Os professores neste ano receberam um pequeno treinamento para utilizar esses computadores em suas aulas com os alunos, mas além da internet ser muito lenta pelo motivo da telefonia da cidade não ser de fibra ótica, os alunos reclamam ao ir nesta sala, pois querem acessar as páginas de jogos e de conversas, prejudicando o cumprimento dos objetivos nas etapas da aula preparada pelo professor.

Perguntou-se também se já beijou e foi beijado na boca, 80,7% disseram que sim e 19,2% disseram que não. Para os alunos que responderam sim a esta pergunta, questionou-se sobre a idade em que isso aconteceu e 17,9% disseram que foi antes dos dez anos de idade, 44,5% disseram que foi entre dez e doze anos, 35,1% disseram que foi entre doze e quatorze anos e apenas 2,3% foram após os quatorze anos.

Dos 161 alunos pesquisados, apenas 31 alunos afirmaram ainda não ter beijado e o que mais chama atenção é que dos 130 alunos que já beijaram, 99 (62,4%) o fizeram entre 9 e 12 anos de idade. Essa situação é preocupante, pois esse período equivale ao início da puberdade, onde a maioria dos indivíduos ainda são crianças.

Segundo TIBA (2005, p.43) a puberdade “...começa nas meninas por volta dos 8-10 anos e nos meninos, entre 9 e 11 anos.”. Segundo o mesmo autor (2005, p.292), a puberdade marca o final da infância e o início da adolescência, determinado pela produção de hormônios sexuais”. Assim a puberdade é um desenvolvimento mais biológico ou físico e a adolescência é psicológico, social, além de biológico.

TIBA (2005, p.71) afirma ainda que “ do ponto de vista biológico, a

adolescência está começando cada vez mais cedo. Talvez um a dois anos antes que na geração dos pais". Com os números apurados neste questionamento pode-se perceber a precocidade do início da adolescência, uma vez que os adolescentes estão desencadeando o despertar sexual mais cedo e isso é causado pela ação dos hormônios sexuais produzidos durante essa fase.

Questionou-se quanto ao relacionamento amoroso e 11,5% disseram estar namorando, 32,6% disseram estar "ficando", 0,7% declararam que moram com namorado(a) e 55% disseram não estar namorando e nem ficando, ou seja, não tem um relacionamento amoroso. Responderam esta questão apenas 138 alunos, ou seja, 85,7% dos pesquisados.

Em relação ao relacionamento amoroso a maioria disse não estar namorando e nem ficando, mas em se tratando de jovens entre 12 e 15 anos, a porcentagem de adolescentes que possuem algum tipo de relacionamento é grande, visto que se não possuírem uma orientação adequada, poderão iniciar uma vida sexual precocemente. Isso corrobora a afirmação de TIBA (1994, p.99)

> A prática do " ficar" surgiu na metade da década de 80 sem obedecer a nenhuma regra (...) se estendeu rapidamente aos shoppings e festas. Quem vê um casal de adolescentes que se beija e se acaricia, pensa que estão namorando, mas na verdade estão ficando. É um relacionamento sem o compromisso do dia seguinte.

Ao lado da diminuição na idade de início da vida sexual surgiu o "ficar", o qual é um relacionamento sem o compromisso e atualmente, comum entre os jovens, que pode levar o adolescente a ter vida sexual ativa, gravidez indesejada e DSTs, caso ele não seja conscientizado, orientado, informado e preparado psicologicamente.

Perguntou-se se já assistiram na escola alguma palestra que envolvesse o tema sexualidade, 78,2% disseram que sim e 21,7% disseram não.

Quanto ao item conversam sobre sexo com os pais ou responsáveis, 35,4% disseram que às vezes, 57,7% disseram que nunca e apenas 6,8% disseram que sempre conversam sobre isso.

Perguntou-se também onde obtêm a maioria das informações sobre sexo, 9,3% disseram que é com os pais ou responsáveis, 2,4% disseram que com os irmãos, 44,7% declararam ser na escola com professores/professoras, 26,7% disseram ser com amigos/amigas, 13,6% declararam ser em revistas e na televisão e 3,1% disseram ser em livros.

Neste questionamento pode-se perceber que a orientação que os adolescentes recebem dos pais sobre sexualidade é pequena, visto que menos da metade dos jovens pesquisados conversam com seus responsáveis sobre sexo e apenas 15 alunos (9,3%) obtém a maioria das informações sobre sexo com seus responsáveis.

Segundo TIBA (2005, p.99) “Tudo tem seu tempo adequado na vida. Mas, os jovens não tem tempo para esperar. Cabe aos pais arrefecê-los um pouco para que caiam na realidade e não compliquem as suas vidas e a dos outros que os amam”.

Percebe-se que ainda é muito difícil para muitas famílias e educadores conversarem com crianças e adolescentes sobre sexualidade, pois as mudanças ocorreram de forma rápida e muitos adultos cresceram em uma época de mitos e tabus sobre adolescência e sexualidade, onde os pais não conversavam esses assuntos com seus filhos.

Apesar da sociedade ter criado tantos meios de informação sobre sexo, é elevado o número de adolescentes que engravidam. Os pais, na maioria das vezes preferem educar seus filhos sobre a sexualidade como foram educados, com repressão e silêncio. Acreditam que se falarem abertamente sobre o assunto, poderão despertar o adolescente precocemente para a vida sexual.

Segundo TIBA (1994, p.27) “Os pais precisam reassumir o controle da educação sexual, pois esta não tem começo, meio e fim. É um aprendizado constante, é a transmissão do *como somos.* Isso compete aos pais.”

Essa educação não pode ser da mesma forma que receberam há anos atrás, quando ainda eram adolescentes e jovens adultos. Ela deve acompanhar as mudanças que vem ocorrendo, mas sem esquecer que ainda existem limites que os pais devem impor a seus filhos.

Questionou-se se já tiveram alguma relação sexual (ato sexual), 75% disseram que não e 25% disseram que sim. Para aqueles que responderam sim, perguntou-se se usaram preservativo (camisinha), 71,7% disseram que sim, 28,2% disseram que não e 2,5% não responderam, perfazendo um total de 40 alunos.

Ao questionar porque usou o preservativo, 25% disseram que usaram para evitar DSTs, 14% disseram que para evitar gravidez, 21,4% disseram que foi para evitar gravidez e DSTs e 39,2% não responderam.

Questionou-se também porque não usou o preservativo, 27,2% disseram que não quiseram usar, 36,3% declararam não ter o preservativo naquele momento, 18,1% disseram que não usaram por ser a primeira vez dos dois, 9% declararam que não usaram as primeiras vezes porque não tinham o devido conhecimento e 9% não responderam.

Com relação a relação sexual, é grande o número de adolescentes que já iniciaram sua vida sexual precocemente. O preservativo foi usado pela maioria, demonstrando que conhecem as conseqüências da falta dele, embora alguns adolescentes ainda relutam em usá-lo.

Observa-se também que 23 (58,9%), a maior parte dos entrevistados que já iniciaram sua vida sexual pertenciam ao período vespertino e que em 13 (56,5%) dos alunos do período vespertino que já iniciaram a vida sexual, isso ocorreu até os 12 anos de idade, sendo que período matutino apenas 3 (18,7%) dos entrevistados que iniciaram sua vida sexual, isso aconteceu até os 12 anos de idade.

Segundo TIBA (1994, p.122) “... é preciso alertar os filhos sobre as DSTs, procurando não cometer o erro de associar sexo a doença”, além disso os jovens precisam acabar com o preconceito de que “usar camisinha é como chupar bala com papel”, pois se ele inicia sua vida sexual usando o preservativo, se acostumará facilmente porque não está habituado a não usá-lo. Deve-se informar aos jovens que a camisinha pode auxiliá-los para aumentar o prazer sexual, visto que a maioria dos jovens tem ejaculação precoce devido a ansiedade causada pela falta de experiência sexual. Também é necessário que estimule os adolescentes a usar o preservativo para se masturbarem, assim vão se

acostumando com ele e aprendendo a usá-lo corretamente.

Percebe-se também a falta de informação e principalmente de maturidade dos adolescentes quando mencionam não ter usado porque era a primeira relação sexual, por não levarem sempre consigo o preservativo ou simplesmente por não quererem usá-lo, visto que a mídia veicula muitas propagandas educativas sobre a necessidade de usar o preservativo e os professores sempre trabalham sobre a prevenção à gravidez e às DSTs, isso sem dizer que o preservativo masculino é de baixo custo e também pode ser adquirido gratuitamente nos postos de saúde.

Perguntou-se com quantos anos tiveram a primeira relação sexual, 10,5% disseram que foi antes dos 10 anos de idade, 30,7% disseram que foi entre 10 e 12 anos, 48,7% disseram que foi entre 12 e 14 anos, 7,6% disseram que foi após os 14 anos de idade e 2,5% não responderam.

Questionou-se também com quem tiveram a primeira relação sexual, 30,7% disseram que foi com namorado(a), 12,8% disseram que foi com amigo(a), 10,2% disseram que foi com colega de escola, 35,8% declararam ser com alguém que conheceu há pouco tempo ou naquele dia, 10,2% responderam outros (inclui-se familiares e animais) e 2,5% não responderam.

Outro fato chocante foi a idade com que tiveram essa iniciação sexual e com quem foi, visto que 16 (41,2%) alunos iniciaram sua vida sexual até os 12 anos de idade, isto é, durante a puberdade e início da adolescência. Além disso, essa iniciação sexual para 14 (35,8%) jovens ocorreu em com uma pessoa que conheceu a pouco tempo ou naquele dia e para 4 (10,2%) deles a relação aconteceu com familiares ou animais, demonstrando que sofreu abuso sexual ou cometeu zoofilia erótica.

Quanto ao item se já foi encorajado ou estimulado por colegas, amigos(as) e familiares a ter uma relação sexual, 24,5% disseram que sim e 75,4% disseram que não.

Quanto ao item se teria uma relação sexual com namorado/namorada para agradá-lo(a) ou segurá-lo(a), 29,5% disseram que sim e 70,4% disseram que não.

Perguntou-se também se dentre os amigos/amigas, a maioria deles(as) já

haviam tido relação sexual, 16,9% disseram que sim, 25,7% disseram que não, 57,2% disseram que não sabiam.

Quanto ao item gostaria de ser ou parecer algum(a) ator (atriz) de TV para parecer mais atraente, 34% disseram que sim e 66% disseram que não.

Esse questionamento foi feito com o intuito de mostrar a influência dos colegas e da mídia sobre os jovens, visto que se identificam e copiam atitudes, gestos de personagens de vários programas televisivos, principalmente àqueles com grande poder de sedução, atraentes, que vivem grandes aventuras. Percebe-se que muitos jovens não estão satisfeitos com seu corpo, com sua performance, mas isso é normal no início da adolescência. Mas o problema é que os jovens tomam como modelos personagens de TV que sempre se dão bem, que não são prejudicados em nada ou quase nada e acabam criando um mundo de fantasia e tendo atitudes vividas por estes personagens. Cury (2003, p.58), ilustra bem essa problemática:

> A televisão mostra mais de sessenta personagens por hora com as mais diferentes características de personalidade. Policiais irreverentes, bandidos destemidos, pessoas divertidas. Essas imagens são registradas na memória e competem com a imagem dos pais e professores. Os resultados inconscientes disso são graves. Os educadores perdem a capacidade de influenciar o mundo psíquico dos jovens. Seus gestos e palavras não têm mais impactos emocionais e, consequentemente não sofrem um arquivamento privilegiado capaz de produzir milhares de outras emoções e pensamentos que estimulem o desenvolvimento da inteligência.

Podemos perceber que os meios de comunicação exercem grande influência sobre as pessoas, principalmente sobre crianças e adolescentes, visto que grande parte dos problemas que lá surgem são de fácil resolução e quase sem conseqüências.

As propagandas de cervejas, por exemplo, exibem festas, homens conquistadores, mulheres bonitas e famosas semi-nuas incentivando os jovens a

consumir o produto. É como se quisesse dizer que “quem toma tal cerveja conquistará tal mulher”, com isso, além do incentivar o consumo de bebidas, transmite a mensagem de que o corpo feminino é uma mercadoria barata ou sem valor, que pode ser exposto e que tem a finalidade de proporcionar apenas momentos de prazer.

Segundo MAIA (2006, p.110)

> [...] os jovens e adolescentes de 12 a 17 anos têm consumido mais bebidas alcoólicas e cigarros seja em casa, em bares ou casas noturnas do que as gerações de seus pais; têm namorado mais livremente e como resultado, têm relações sexuais mais cedo, (...) têm se vestido como a moda apresenta, no qual, na maioria das vezes, são roupas utilizadas nas novelas e seriados dedicados a esse público alvo.
>
> Com relação à sexualidade, uma das principais influências na vida do adolescente é a televisão.

A grande oferta de produtos pornográficos em qualquer banca de revistas ou locadora de vídeos, a exposição exagerada do corpo, principalmente do feminino, os programas televisivos e a banalização da sexualidade tem dificultado a tarefa de educar os jovens. Isso vem causando uma diminuição na idade de inicio da vida sexual e aumento nos casos de gravidez precoce, pois tem despertado a sexualidade cada vez mais cedo.

Após essa pesquisa com os alunos e verificação dos dados obtidos, foi feita uma reunião com os professores, pedagogos e direção da escola e os dados obtidos foram apresentados para que todos tomassem conhecimento da pesquisa e das possíveis ações, assim como fizessem sugestões.

Então, iniciou-se o trabalho de orientação e conscientização dos alunos. No primeiro momento, foi apresentado aos alunos dois filmes educativos: “Pra que time ele torce” que envolve o tema homossexualismo e preconceito e “Minha vida de João” que envolve valores, adolescência, namoro, gravidez precoce e alcoolismo. Após os filmes os alunos elaboraram resumos em dupla para posterior discussão em sala, onde foi discutido sobre o que achavam certo e errado, se os

personagens estavam sendo influenciados por alguém ou por alguma coisa, se na escola havia pessoas que sofriam com esse tipo de preconceito, etc.

Após isso, foi feito na escola a “Semana Cultural” onde os alunos tiveram varias palestras com diferentes temas, como: Valores e a influência dos meios de comunicação – palestrante Pastor Levi; A família na sociedade – palestrante professora aposentada Rosângela; Abuso Sexual – palestrante psicóloga Viviane; Higiene e sexualidade – palestrante professora PDE Ana Paula; Gravidez não planejada, DSTs (Doenças Sexualmente Transmissíveis) e Métodos contraceptivos – palestrante professora PDE Ana Paula; Direitos e deveres da criança e do adolescente – palestrante advogada Cláudia. Nas aulas posteriores às palestras os professores promoviam discussões com os alunos e faziam perguntas sobre os temas abordados, com o intuito de valorizar os temas abordados nas palestras e também a importância destes para a saúde e melhor convivência em sociedade.

Os alunos se mostraram interessados e curiosos em todas as palestras e ao final os palestrantes abriam espaço para responder dúvidas e possíveis questionamentos dos mesmos.

Depois desta semana de palestras os alunos receberam orientação do professor de Língua Portuguesa e do professor PDE de Ciências, de como confeccionar histórias em quadrinhos.

Foram sugeridos pelo professor PDE os seguintes temas: Homossexualismo e preconceito; Gravidez não planejada; DSTs; Influência da mídia; Iniciação sexual precoce; Métodos anticoncepcionais e Valores solicitando aos alunos que, em dupla, confeccionassem uma história em quadrinhos que envolvesse no mínimo três dos temas sugeridos pelo professor e que poderiam também incluir outros temas a critério dos alunos.

As histórias elaboradas foram ótimas, pois além dos temas sugeridos pelo professor, ainda envolveram temas como drogas, alcoolismo e violência, focando tanto as conseqüências como a prevenção, demonstrando que houve um maior aprendizado a partir das ações realizadas na escola.

O tema continua sendo abordado em sala de aula de acordo com a

maneira que surgem comentários por parte dos alunos sobre acontecimentos na comunidade e nos programas televisivos, inclusive discussões sobre o comportamento de determinados personagens do programa Malhação da Rede Globo, pois este programa se passa numa escola e a maioria dos atores é adolescente, além disso, este programa é assistido por cerca de 70% dos alunos pesquisados na escola e pode-se perceber que este, assim como outros programas televisivos, influenciam nossos jovens de diversas maneiras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao questionar alunos entre 12 e 15 anos (7ª e 8ª série) sobre o que significa sexualidade, percebeu-se que entendem a sexualidade apenas como algo ligado à conquista, erotismo, sedução, ato sexual e a exemplificam com cenas televisivas, namoro, beleza, jovens, moda, gravidez. Assim, é necessário fazer com que compreendam o que é realmente sexualidade e sua importância para o ser humano, que entendam a adolescência como fase de mudanças físicas e psicológicas obedecendo à ordem natural dos acontecimentos, sem atropelamentos e sem pular etapas.

Pôde-se perceber que as desigualdades entre os gêneros foram se construindo nas diferentes sociedades e atualmente luta-se para que essa desigualdade geradora de preconceitos desapareça, embora ainda presencia-se discriminação de papéis no âmbito escolar.

Enquanto pais, professores e sociedade em geral não mudarem sua forma de pensar e agir, não haverá igualdade de gênero, ou seja, igualdade cultural e nem uma educação sexual adequada e necessária para o mundo atual. Percebe-se que essa desigualdade ainda é bem comum, principalmente em cidades pequenas e do interior, onde o mercado de trabalho não oferece muitas oportunidades às mulheres, assim elas acabam por serem educadas para o casamento, além de se tornarem na maioria das vezes, apenas donas de casa, empregadas domésticas, auxiliares de serviços gerais nas escolas, professoras, secretárias ou enfermeiras, ofícios exercidos principalmente por mulheres.

É importante e necessário que os jovens sejam conscientizados sobre a importância do exercício da sexualidade de forma sadia, natural, que percebam a pressão que os meios de comunicação exercem e saibam como discernir o certo do errado, o que é melhor para suas vidas, visto que as propagandas e os programas televisivos têm objetivo comercial, impondo seus padrões de beleza, de comportamento e idéias, fazendo com que estes prevaleçam e sejam predominantes, visto que veiculam programas que, de certa forma, banalizam a sexualidade e os valores familiares, dificultando o trabalho da família e da escola e até confundindo os jovens sobre o que é certo e errado.

Os alunos se mostraram muito entusiasmados e interessados com a pesquisa realizada, com as palestras, principalmente àquelas que abordavam o tema sexualidade de forma mais clara e abrangente, e alguns indignados com o resultado dos questionamentos, demonstrando que necessitam de maiores informações e orientações sobre sexualidade, sobre como se “defender” da influência da mídia.

Com a pesquisa pôde-se perceber a influência que a mídia exerce sobre as crianças e adolescentes, visto que os alunos que mais horas assistem TV e que permanecem até mais tarde em frente à telinha, podendo assistir programas inadequados para sua faixa etária, são os que mais cedo iniciaram sua vida sexual e então, tem maiores chances de engravidarem precocemente e adquirirem DST.

Apesar da maioria dos alunos pesquisados afirmarem que a mídia não influencia seu modo de pensar e agir, de não quererem parecer um(a) artista de televisão para mostrar-se mais atraente, pôde-se perceber que utilizam bastante o vocabulário que está na mídia, inclusive, após uma apresentação em um jornal da Rede Globo de como será a moda (roupas xadrez) para a próxima estação, percebeu-se que uma semana após já haviam jovens na escola usando os modelos que foram apresentados neste jornal. Assim percebe-se também que não é nada fácil manter-se virgem nos dias atuais, visto que os jovens enfrentam pressão da mídia, dos colegas e do próprio grupo social ao qual fazem parte e os jovens ainda não tem maturidade emocional suficiente para iniciar relacionamentos sexuais, visto que não possuem condições de assumir as

responsabilidades que o sexo exige.

Nos anos anteriores a escola onde este trabalho está sendo realizado registrou de 3 a 4 casos de adolescentes grávidas ao ano e neste ano, até o presente momento (11/2008) não registrou-se nenhum caso. O trabalho está sendo realizado de forma ostensiva com os alunos de 7ª e 8ª série do Ensino Fundamental, mas os alunos do Ensino Médio também assistiram as palestras e após, participaram em sala de aula, de debates com professores(as) que aderiram a este trabalho e que fazem parte de um Grupo de Estudos sobre Sexualidade oferecido neste ano pela SEED (Secretaria de Estado da Educação do Paraná).

Através de observações foi possível constatar que nas escolas onde há mais docentes do sexo feminino, principalmente ministrando aulas de Ciências, o número de adolescentes grávidas é menor. Acredita-se que isso seja pelo fato dos docentes do sexo masculino terem receio de falar de forma mais aberta sobre sexualidade e até dessas informações serem interpretadas como assédio às alunas. Sendo esta uma constatação de forma empírica, necessita de maiores investigações em futuras pesquisas.

Acredito que a abordagem acerca da sexualidade pautada como antes nos padrões tradicionais de ensino não dá conta de conscientizar, orientar, informar e formar os adolescentes, sendo necessário o uso de uma perspectiva mais crítica, utilizando debates, discussões de cenas televisivas, relatos e fatos que ocorrem na comunidade e na escola para que os jovens percebam as dificuldades e benefícios em exercer a sexualidade de forma sadia em todos os aspectos, sem preconceitos, desigualdades e discriminações, respeitando seus limites, seu corpo, os valores familiares e os valores impostos pela sociedade.

BIBLIOGRAFIA

CAMARGO, Ana; RIBEIRO, Claudia. **Sexualidade(s) e infância(s)**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1999.

CURY, Augusto Jorge. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

GIKOVATE, Flavio. **O Jovem e a sexualidade**. 2002. Disponível em

http://www.psicopedagogia.com.br/entrevistas/entrevista.asp?entrID=66 . Último acesso em 09/2008.

LOPES, G; MAIA, M. **Desinformação sexual entre gestantes adolescentes de baixa renda.** Rev. Sexol; v.2, n.1, p.30-33. 1993.

MAIA, Raquel Ferreira. Revista Mackenzie de Educacão Física e Esporte, v. 5, p. 109-117,2006 . Disponível em http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCBS/Cursos/Educacao_Fisica/REMEFE-5-especial-2006/art12_edfis5nE.pdf Acesso em Outubro 2008 . Último acesso em 09/2008.

MINHA VIDA DE JOÃO. Produção 3 Laranjas Comunicações/ Instituto PROMUNDO. Direção de Reginaldo Bianco. Rio de Janeiro – Brasil: Reginaldo Bianco, 2001. 1 VHS (23 min)

PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares de Ciências para o Ensino Fundamental**. Curitiba: SEED, 2008.

PRA QUE TIME ELE JOGA. Produção 3 Laranjas Comunicações/ Coordenação Estadual de DST/AIDS. Direção de Markus Ribeiro. Rio de Janeiro – Brasil: Markus Ribeiro, 2000. 1 VHS (25 min)

RIBEIRO, Marcos. **A influência da TV na sexualidade das crianças**. 2005. Disponível em http://www.pailegal.net/psisex.asp?rvTextoId=1119392695 . Último acesso em 10/2008.

SARTORI, Ari José; BRITTO, Neli Suzana (org.).**Gênero na educação: espaço para a diversidade**. 3 ed. Florianópolis: Genus, 2008.

SOUZA, Hália Pauliv de. **Sexo, energia presente em casa e na escola**. São Paulo: Paulinas, 2002.

SUPLICY, Marta. **Adolescente e sua sexualidade. 2000.** Disponível em http://www.psicopedagogia.com.br/entrevistas/entrevista.asp?entrID=3 . Último acesso em 10/2008

TIBA, Içami. **Adolescência: o despertar do sexo**. São Paulo: Gente, 1994.

TIBA, Içami. **Adolescentes: quem ama, educa!** São Paulo: Integrare, 2005.